



Emoções projetadas em carta de Michel Temer

Emotions Projected in Michel Temer's letter

Karen Pereira Fernandes de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
FAPERJ

karen_pf_souza@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0544-2778>

Lúcia Helena Martins Gouvêa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
lucia.helena@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-8743-4033>

Resumo: O objetivo deste trabalho é examinar as diferentes emoções projetadas através da imagem criada de si mesmo por Michel Temer (*ethos*) e dos sentimentos suscitados no leitor (*pathos*), ou seja, duas categorias argumentativas empregadas para influenciar seus interlocutores (Deputados, Senadores e povo brasileiro). Nesse sentido, o trabalho está calcado no aporte teórico e metodológico da Teoria Semiolinguística do Discurso, e pretendemos estudar as estratégias e os recursos linguísticos que têm potencialidade para persuadir, convencer, tocar emocionalmente o leitor através de palavras e expressões empregadas no texto, além da imagem criada de sua pessoa como um político competente para estar no cargo que ocupa. Como resultado, temos uma carta em que o autor utiliza com elevada frequência o *ethos* de vítima e de virtude e privilegia a estratégia índices de avaliação e palavras que podem provocar emoções como estratégias patêmicas com o intuito de sensibilizar os seus leitores.

Palavras-chaves: patemização, *ethos*, semiolinguística do discurso, argumentação.

Abstract: This study aims to verify the different projected emotions through the images created by Michel Temer (*ethos*) and through the feelings aroused in the reader (*pathos*), in the other words, two argumentative categories used to influence their interlocutors (Deputies, Senators and Brazilian people). In this way, the study based on the theoretical

and methodological contribution of the Semiolinguistic Theory of Discourse and we intend to study the strategies and the linguistic resources that have the potential to persuade, to convince, emotionally touch the reader through words, and expressions used in the text, in addition the image created of his person as a competent politician to be in the position that he occupies. As a result, we have a letter in which the author uses the ethos of victim and virtue with high frequency and privileges the strategy of evaluation and words that can provoke emotions as pathemic strategies in order to sensibelize his readers.

Keywords: pathemization, ethos, discourse semiolinguistics, argumentation.

Recebido em 30 de maio de 2022

Aceito em 02 de agosto de 2022

1 Introdução

Este artigo tem como proposta examinar as emoções projetadas pelo então Presidente interino, Michel Temer, em carta escrita em 2017 e direcionada aos seus colegas Parlamentares com o objetivo de convencê-los, persuadi-los a não levar adiante a investigação constituída por uma Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) para investigar a denúncia impetrada pela Procuradoria Geral da República (PGR) por crime de corrupção passiva. Para tanto, a análise está assentada no aporte teórico e metodológico da Teoria Semiolinguística do Discurso, uma das vertentes da Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau (2013, 2014), que fundamenta as questões envolvidas durante o processo de interação do ato de linguagem.

Aristóteles já separava os meios discursivos em duas categorias: (a) o componente racional (*logos*) e (b) o componente emocional (*pathos* e *ethos*). O racional não será tratado nesse artigo, pois o nosso interesse é a categoria emocional. *Pathos* são emoções que podem ser sentidas pelo público-alvo, enquanto o *ethos* diz respeito às emoções projetadas pela imagem construída daquele que fala. Assim, embora a Teoria da Semiolinguística não tenha recursos e/ou métodos para avaliar as emoções sentidas de fato pelo leitor ou mesmo as manifestações físicas provocadas em virtude da apreciação de um texto, o que nos interessa neste artigo é mostrar como o autor da carta usa o material linguístico que tem potencialidade para persuadir, convencer, tocar emocionalmente

o seu leitor. Mais especificamente, interessa-nos analisar o processo de convencimento por meio das emoções na carta de Michel Temer, tanto as projetadas quanto as criadas a partir da imagem que ele constrói de si.

Assim, para este trabalho, organizamos sua estrutura da seguinte forma: além desta breve apresentação do trabalho em *Introdução*; a segunda seção, *Aspectos fundamentais*, está destinada a evidenciar o aporte teórico-metodológico utilizado como base de investigação do discurso, além de caracterizar as estratégias das imagens projetadas do Eu (instância do *ethos*) em *Processo de identificação: ethos*; as estratégias de sedução (instância do *pathos*) em *Processos de dramatização: pathos*. A terceira seção está reservada para a *Análise da carta de Michel Temer*, momento em que faremos uma *Contextualização da situação* com o intuito de situar o leitor no espaço-tempo em que o Presidente foi motivado a escrever a carta; seguido das análises propriamente ditas em *Construindo uma imagem* e *Convencendo pela emoção*. Logo após o exame da missiva, as últimas seções são de *Considerações finais* e as *Referências* utilizadas.

2 Aspectos fundamentais

Iniciada na década de 80, a Teoria Semiollingüística do Discurso é uma importante vertente da Análise do Discurso (AD), fundada por Patrick Charaudeau. A partir da perspectiva da enunciação, a Semiollingüística busca construir o sentido do texto através da relação forma-sentido e, para isso, reúne aspectos internos à língua, isto é, o componente verbal (como a organização macro e microtextual, marcas lingüísticas, tipos e gêneros textuais) e aspectos externos à língua, ou seja, o componente situacional (estudo das entidades subjetivas, situações sociais de comunicação, instância de produção/recepção). Neste sentido, o discurso é o resultado de um ato comunicativo, ou seja, a construção lingüística acrescida do contexto social e histórico, pois não existe discurso sem contextualização.

Segundo Charaudeau (2007b), todo ato comunicativo pressupõe uma intencionalidade, ou seja, um projeto de fala, sem o qual não haveria motivos para a troca lingüística. Além disso, este ato depende de, pelo menos, dois participantes de modo que, quando um toma a palavra na troca comunicativa, busca influenciar e agir sobre o outro, acontecendo dentro de um espaço e de um tempo determinado. Assim sendo, o ato de lingüagem é composto por duas entidades subjetivas situadas no espaço

externo da comunicação, as quais se desmembram em outros dois sujeitos que pertencem ao espaço interno da comunicação.

No espaço externo, encontram-se os sujeitos da vida real, já que o EU comunicante (EUc) tem uma intenção e um projeto de fala a serem dirigidos a um TU interpretante (TUi) sujeito responsável pelo processo de interpretação que escapa do domínio do EUc. Já no universo interno da interação comunicativa, têm-se os seres de fala, isto é, EU enunciador (EUe) e o TU destinatário (TUd) que existem no e pelo ato comunicativo de produção-interpretação. Assim, o TUd é fabricado pelo EUc, pois este se dirige a um destinatário ideal para aquilo que será dito; e o EUe é uma representação parcial de EUc, ou seja, é uma imagem construída pelo EUc e percebida pelo TUi, além de representar o traço de intencionalidade no ato de produção da fala.

Levando em consideração os demais componentes de um ato de fala, a Teoria adotada busca descrever ao máximo as características dos comportamentos linguísticos em função de um tipo de situação que os restringe. Essa “situação que os restringe” significa dizer que estamos falando das coerções do *contrato de comunicação*: regras existentes para que todos os parceiros do ato comunicativo possam se compreender. Da mesma forma como acontece com um contrato jurídico, para que a comunicação aconteça, é necessário que os interlocutores se reconheçam como partes de um acordo prévio e, por isso, estabeleçam uma relação de convivência e cumplicidade diante do *contrato de comunicação* que os une. Assim, ao mesmo tempo em que o contrato dispõe de um *espaço de restrições* – as regras para que o ato comunicativo aconteça, ligadas às exigências do gênero discursivo –, há também o *espaço de estratégias* – correspondente aos meios pelos quais os parceiros podem realizar manobras discursivas para alcançar seus objetivos comunicativos (projeto de fala) ao relacionar e organizar as suas intenções de modo a convencer e persuadir o interlocutor.

Segundo a Semiologia, para se construir um texto, o contrato comunicativo deve estar assentado em um modelo de estruturação de três pilares: o *nível situacional*, o *nível comunicacional* e o *nível discursivo*. O quadro metodológico da Semiologia não é experimental, mas empírico-dedutivo (CHARAUDEAU, 2005), assim, a metodologia dessa teoria se repousa sobre esses três níveis.

O *nível situacional* está voltado para a identificação dos elementos externos ao ato comunicativo, como a finalidade do contrato

(fala-se para quê?); a identidade dos parceiros (fala-se com quem?); o objeto da troca linguageira (fala-se sobre o quê?); a circunstância material (fala-se por meio de quê?). O *nível comunicacional* preocupa-se com a maneira de falar (fala-se como?) em função dos dados extraídos do nível situacional, ou seja, por qual modo o sujeito falante deve manifestar a troca linguageira, de sorte que garanta o seu “direito à fala”, revele a sua “identidade”, permita tratar sobre um determinado “assunto” em certo dispositivo material.

O *nível discursivo* está relacionado com o espaço de estratégias, pois é o “lugar” de intervenção do sujeito enunciador (EUE), de maneira que venha a atender às condições de *legitimidade*, de *credibilidade* e de *captação*. Segundo Charaudeau (2004), a *legitimidade* é o estado de quem tem qualificação/capacidade para tomar a palavra em nome de algo, sendo reconhecido por outros sujeitos em nome de um valor aceito por todos. Já a *credibilidade* é construída pelo próprio sujeito, preocupado em ser considerado digno de fé pelos outros sujeitos, de modo que projeta uma imagem de capacidade, de neutralidade, de engajamento, de seriedade de si próprio para se fazer crível (instância do *ethos*). Na *captação*, o sujeito falante levanta hipóteses sobre o seu interlocutor de modo que este último seja influenciado a aderir à opinião do primeiro, situação intimamente ligada à estratégia de persuasão (convencer o outro por meio da razão, da força argumentativa, instância do *logos*) e à estratégia de sedução (cativar o outro por meio da emoção, da força de valores afetivos, instância do *pathos*). Vejamos, nas próximas seções, a caracterização do *ethos* discursivo e do *pathos*, elementos/estratégias fundamentais para a proposta de análise deste trabalho.

2.1 Processo de identificação: *ethos*

Ethos é uma categoria que advém da *Retórica* de Aristóteles e pode ser entendida como uma *imagem construída* pelo orador no momento da enunciação do seu ato de fala. Para Aristóteles, o *ethos* designava o caráter do orador:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar.

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé (ARISTÓTELES, 2005, p. 96).

O termo *ethos* foi empregado pelo filósofo grego para designar o “caráter”, que levava em conta também a posição social, as vestimentas e a ascendência familiar do orador. Esse elemento já dizia respeito a uma determinada imagem que o sujeito enunciador constrói de si mesmo durante o discurso. No entanto, essa noção de *ethos* foi retomada da *Retórica* e redefinida no interior das teorias da Análise do Discurso. Para a pesquisadora Amossy (2014, p. 220):

Termo emprestado da retórica antiga, o *ethos* (em grego ἦθος, personagem) designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal.

A autora acima nos explica, portanto, que a imagem construída no e pelo discurso se faz necessária para que o sujeito que discursa exerça certa influência sobre o alocutário, o sujeito destinatário do discurso. *Ethos*, segundo Maingueneau (1993, p. 138), é:

O que o orador pretender ser, o que ele dá a entender e a ver: ele não diz ser simples e honesto, ele mostra através de sua maneira de se exprimir. O *ethos* está ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, apreendido independentemente de sua atividade oratória: isso, é, portanto, o sujeito da enunciação, no ato de enunciar, que está em jogo aqui.¹ (nossa tradução).

O autor acima explica que não podemos confundir o sujeito da vida real com o sujeito discursivo. Este último representa um papel

¹ «Ce que l’orateur prétend être, il le donne à entendre et à voir : il ne dit pas qu’il est simple et honnête, il le montre à travers sa manière de s’exprimer. L’ethos est ainsi attaché à l’exercice de la parole, au rôle qui correspond à son discours, et non à l’individu «réel», appréhendé indépendamment de sa prestation oratoire : c’est donc le sujet d’énonciation en tant qu’il est en train d’énoncer qui est ici en jeu.» (MAINGUENEAU, 1993, p. 138).

durante a atividade oratória. O sujeito do discurso nada mais é do que o resultado do espaço de restrições imposto pelo contrato de comunicação e do espaço de estratégias adotadas. Em outras palavras, o *ethos* está correlacionado a um inter cruzamento de olhares: “o olhar dos outros sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê”. (CHARAUDEAU, 2015, p.115). Sendo assim, Charaudeau (2015) leva em consideração que todo sujeito que toma a palavra pode falar utilizando máscaras, escondendo quem realmente é pelo que ele diz ser. No âmbito político, é recorrente que os oradores criem algumas imagens de si em comum, e Charaudeau (2015) apresenta certas categorias de *ethé* discursivos que podem ser encontradas no discurso político.

Para ele, os *Ethé de credibilidade* dizem respeito à possibilidade de um indivíduo ser considerado *digno de crédito* e de ter os meios de pôr em prática aquilo que promete. Na política, a credibilidade é um aspecto fundamental, pois o político precisa persuadir o público-alvo e, para isso, o que diz precisa ser crível. Assim, dentro dessa categoria, o autor apresenta alguns tipos que estão vinculados a um imaginário social²: como o *ethos de sério* (aquele que é isento de dissimulação, que não é dado a fazer brincadeira(s), que é circunspecto, que é aplicado e rigoroso em relação às suas obrigações, que não transgride as regras morais), *de virtude* (que possui e cultiva qualidades de virtude moral, religiosa, social; que é esforçado/valoroso, que dá exemplo, que procede com honestidade, sinceridade e fidelidade), *de inocência* (que não é culpado de uma determinada falta ou crime) e *de competência* (quem tem conhecimento profundo, experiência e demonstra ter amplo domínio sobre uma atividade de forma eficaz).

Além destes, Charaudeau (2015, p. 137) também apresenta os *Ethé de identificação*, cujas imagens são extraídas do afeto social, através dos quais o cidadão, mediante um processo de identificação com a imagem construída, funda sua identidade na do político. Ou seja, o sujeito comunicante procura produzir determinadas imagens de si próprio de modo a fazer com que seus ouvintes se identifiquem consigo. Essas imagens visam a tocar o maior número de indivíduos, ainda que seja um público amplo, heterogêneo e vago. Dentre os tipos de *ethé de identificação*, o autor apresenta: o *ethos de potência* (aquele que é forte,

² Representações que circulam em dado grupo social.

vigoroso, viril), o *ethos de caráter* (aquele que tem firmeza moral; que demonstra coerência nos atos; quem é firme, honesto e moderado), o *ethos de inteligência* (aquele que tem capacidade de conhecer, compreender e aprender); o *ethos de humanidade* (capacidade de demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem, capacidade de revelar suas fraquezas), o *ethos de chefe* (aquele que, investido de poder, tem aptidão para comandar, guiar, liderar) e o *ethos de solidariedade* (aquele que é atento às necessidades dos outros; que tem interesse na coisa comum; que está sempre pronto a consolar, apoiar, defender o outro). Passemos agora para uma caracterização mais detalhada do *pathos*.

2.2 Processo de dramatização: *pathos*

Pathos é uma categoria que também advém da *Retórica* de Aristóteles e pode ser entendido como *as paixões suscitadas no auditório* pelo orador no momento da enunciação do seu ato de fala. Para Charaudeau (2010), a patemização é uma estratégia discursiva que visa a convencer o interlocutor por meio das emoções e está relacionada com a estratégia de captação. Assim, a depender dos imaginários sócio-discursivos e valores de crença do ouvinte, é possível que certos enunciados no texto possam tocá-lo psicologicamente de algum modo, o que poderia conduzir o ouvinte a concordar com o ponto de vista do sujeito que fala. Sobre as emoções, Charaudeau tem o cuidado de explicar o seguinte:

A análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um *efeito visado* (ou *suposto*), sem nunca ter a garantia sobre o *efeito produzido* (CHARAUDEAU, 2010, p. 34).

Desta maneira, em um trabalho alicerçado na teoria Semiollingüística do Discurso, poderemos apenas abordar a emoção enquanto *efeito visado*, almejado, e nunca como um efeito efetivamente produzido no auditório. Em se tratando de linguagem verbal, o emprego de certas palavras e/ou expressões não constituem como a real prova de uma emoção experienciada. Palavras como “raiva”, “indignação”, “angústia”, embora nomeiem estados emocionais, podem não provocar emoção no leitor. Portanto, ao discutir as emoções que são *passíveis*

de serem despertadas a partir de enunciados, vocábulos e/ou expressões, devemos sempre ter em mente que não estamos nos referindo a sensações experienciadas pelo leitor, mas àquelas que poderiam ser experienciadas dependendo do contexto de situação em que esses termos são empregados, de quem os emprega e de quem os lê. Nessa linha de raciocínio, durante a análise do texto escolhido, utilizaremos a definição de Gallinari (2007, p. 229) em que *pathos* é “todo e quaisquer aspectos (*moyens*) linguístico-discursivos que, numa circunstância determinada, seriam capazes de desencadear no auditório algum tipo de reação afetiva”.

Devemos ressaltar que a *patemização* é uma estratégia argumentativa eficaz, sendo utilizada em vários domínios discursivos, inclusive, no discurso político, foco deste trabalho. Para Charaudeau (2013), a encenação do discurso político é impregnada de *paixão/afeto* com o objetivo de seduzir, conquistar, aterrorizar, ameaçar, enfim, atrair a opinião de sua audiência, já que isso faz parte do processo de persuasão. Nesse sentido, a *dramatização* é um dos elementos-chave que se faz presente com o intuito de captar a atenção dos leitores. Com relação à cena política, o discurso político é posto a serviço de uma expectativa de poder, de modo que um parceiro está direcionado a “agir sobre o outro” e, conseqüentemente, a tensão do discurso fica orientada à produção de efeitos. No caso da dramatização política, a visada é *fazer-tocar, fazer-sentir*, pois aquele que toma a palavra busca conquistar a adesão daquele que ouve, ao tocar seu afeto.

De acordo com Charaudeau (2000), o efeito patêmico pode ser obtido por um *discurso explícito e direto*, na medida em que as próprias palavras têm transparência patêmica, ou seja, as palavras pertencem a um universo emocional, como “felicidade”, “tristeza”, “louvável”, “reprovável”; ou por um *discurso implícito e indireto*, pois as palavras parecem neutras, mas, em função do contexto, elas podem produzir um efeito patêmico. Conforme Plantin (2010), as emoções não se assentam apenas no *léxico das emoções* (substantivos, verbos, adjetivos), mas também nos *enunciados de emoções*, ou seja, nas expressões que traduzem um estado de emoção do orador, como “estou tão orgulhoso” ou “tenho vergonha”.

Koch (2011) pesquisou os *atos de modalização* que contribuem diretamente para o estudo do *pathos*. Eles se manifestam no texto como advérbios modalizadores (provavelmente, logicamente), orações modalizadoras (“é possível que”, “é certo que”) e verbos performativos

(“eu te proíbo de”, “eu te certifico que”). Já Emediato (2007) diz que o *pathos* pode estar ligado a *SN's axiológicos*, que são vocábulos que originalmente não provocam nenhuma emoção, somente depois de passar pelo aparato cognitivo e este atribuir-lhes interpretação (“ganhou um olho roxo”, “o galo na cabeça cresceu”). Pode também estar relacionado a *Casos de identificação* que não estão ligados ao universo emocional, mas fazem brotar emoção quando o leitor se identifica/se aproxima com a situação a depender das experiências compartilhadas (“sorriu como sua filhinha”, “homem negro confundido com bandido”).

Como vimos acima, há muitas estratégias patêmicas que podem ser identificadas em uma produção textual seja ela de natureza política, midiática, religiosa *etc.* Segundo Gouvêa (2017), é possível argumentar em um texto por intermédio do *pathos* (*pathos* sendo considerado como uma categoria de efeito visado pelo locutor em seu auditório). Para isso, há diversas formas linguísticas de expressar a subjetividade do sujeito enunciador e de produzir um efeito visado. Sendo assim, para a análise deste artigo, resolvemos direcionar o olhar para quatro tipos de estratégias de patemização, a saber: (i) *palavras que descrevem de maneira transparente emoções* como alívio, esperança, certeza, consolo, otimismo, tristeza, preocupação, indignação *etc.*; (ii) *palavras ou expressões que podem provocar emoções*, isto é, que não pertencem a um universo emocional, mas que desencadeiam emoção no contexto em que se inserem; (iii) *índices de avaliação, ou seja, palavras ou expressões por intermédio das quais* o enunciador expõe o seu julgamento sobre um determinado assunto/ situação como em dolorosa tarefa, desonesto esquema; (iv) enunciados que podem provocar emoções, vale dizer, frases, orações, cláusulas desgarradas ou até períodos inteiros que podem provocar emoção de acordo com o contexto em que se inserem. Nesse sentido, verificaremos, no corpus, como essas estratégias se apresentam.

Como visto, existem diversos meios linguísticos que traduzem a subjetividade do locutor, mas fizemos um recorte na avaliação de quatro estratégias patêmicas. Assim, o estudo dessas pistas linguístico-discursivas torna possível a localização do *pathos* na carta de Michel Temer.

A próxima seção é dedicada à análise do *corpus*, uma carta de resposta, que será analisada considerando os espaços da persuasão e

da sedução de acordo com a Teoria Semiolinguística do Discurso ora apresentada nesta seção. O nosso compromisso é dar ênfase à construção da imagem (*ethos*) e ao processo de convencimento pela emoção (*pathos*).

3 Análise da carta de Michel Temer

3.1 Contextualização da situação

Nesta seção, trazemos para a análise dos elementos linguísticos utilizados como estratégias argumentativas na carta oficial escrita por Michel Temer. Antes de fazer propriamente a análise do texto escolhido, convém apresentar os envolvidos neste contrato de comunicação. O sujeito comunicante – produtor do ato comunicativo – é um político, investido no cargo de Presidente da República, Michel Temer. O sujeito interpretante é constituído por Deputados Federais que apoiavam o seu governo, outros que não apoiavam e ainda havia os parlamentares neutros. Além disso, certamente, a mídia publicaria e destrincharia a sua carta e, dessa maneira, alcançaria também podemos incluir como sujeito interpretante o povo brasileiro. Sendo assim, a missiva passaria a circular em um espaço público muito amplo e, portanto, o EUC não poderia ter o domínio dos efeitos que sua carta produziria em seu público-alvo.

Contextualizando o momento de produção da carta, com Temer já empossado como Presidente da República (em meados de 2016), ele já enfrentava uma segunda investida da PGR em 2017. Com a mídia divulgando o escândalo envolvendo propinas e com uma votação que se aproximava na CCJ, o então Presidente resolve não silenciar e envia uma carta aos parlamentares para se defender das acusações. Nesse sentido, o sujeito produtor do ato comunicativo é um político, investido no cargo de Presidente da República (não mais como Presidente interino) e detentor de *legitimidade*, o que lhe confere o direito de escrever uma carta em resposta à situação experienciada, e o sujeito receptor é constituído por Deputados Federais que apoiavam o seu governo, os que não apoiavam e os neutros.

O propósito da carta era conseguir votos suficientes a seu favor para que a investigação contra a sua pessoa na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), em 2017, não prosperasse. No projeto de fala, o autor tenta convencer os leitores de sua inocência quanto ao áudio vazado das conversas entre Joesley Batista e Ricardo Saud (dirigentes da companhia JBS) sobre as propinas efetivadas através do doleiro Lucio Funaro, durante a fase de investigação da Polícia Federal. Por isso, Michel Temer tenta, por diversas vezes, desqualificar tal delação premiada. Essa já era a segunda

vez que a Procuradoria-Geral da República (PGR), através do Procurador Janot, investia contra Temer e, naquela semana, seria votado o acolhimento ou não da denúncia na CCJ instituída na Câmara dos Deputados para analisar o caso. Com a sua imagem política manchada, o ex-Presidente se dirige aos Parlamentares da seguinte maneira (CAGNI, 2017):

Prezado Parlamentar:

A minha indignação é que me traz a você. São muitos os que me aconselham a nada dizer a respeito dos episódios que atingiram diretamente a minha honra. Mas para mim é inadmissível. Não posso silenciar. Não devo silenciar.

Tenho sido vítima desde maio de torpezas e vilezas que pouco a pouco, e agora até mais rapidamente, têm vindo à luz.

Jamais poderia acreditar que houvesse uma conspiração para me derrubar da Presidência da República. Mas os fatos me convenceram. E são incontestáveis.

Começo pelo áudio da conversa entre os dirigentes da JBS. Diálogo sujo, imoral, indecente, capaz de fazer envergonhar aqueles que o ouvem. Não só pelo vocabulário chulo, mas pelo conteúdo revelador de como se deu toda a trajetória que visava a impedir a prisão daqueles que hoje, em face desse áudio, presos se encontram.

Quem o ouviu verificou uma urdidura conspiratória dos que dele participavam demonstrando como se deu a participação do ex-procurador-geral da República, por meio de seu mais próximo colaborador, Dr. Marcello Miller.

Aquele se tornou advogado da JBS enquanto ainda estava na PGR. E, dela sendo exonerado, não cumpriu nenhuma quarentena prevista expressamente no artigo 128, parágrafo 6º, da Constituição Federal.

Também veio a conhecimento público a entrevista de outro procurador, Ângelo Goulart Vilela, que permaneceu preso durante 76 dias, sem que fosse ouvido. Nela, evidenciou que o único objetivo do ex-procurador-geral era “derrubar o presidente da República”.

“Ele tinha pressa e precisava derrubar o presidente”, disse o procurador. “O Rodrigo (Janot) tinha certeza que derrubaria”, afirmou. A ação, segundo ele, teria dois efeitos: impedir que o presidente nomeasse o novo titular da Procuradoria-Geral da República, e ser, ou indicar, o novo candidato a presidente da República. Veja que trama.

Mas não é só. O advogado Willer Tomaz, que também ficou preso sem ser ouvido, registrou igualmente em entrevista os fatos desabonadores em relação à conduta do ex-procurador-geral?

Em entrevista à revista *Época*, o ex-deputado Eduardo Cunha disse que a sua delação não foi aceita porque o procurador-geral exigia que ele incriminasse o presidente da República. Esta negativa levou o procurador Janot a buscar alguém disposto a incriminar o Presidente. Que, segundo o ex-deputado, mentiu na sua delação para cumprir com as determinações da PGR. Ressaltando que ele, Funaro, sequer me conhecia.

Na entrevista, o ex-deputado nega o que o dirigente-grampeador, Joesley Batista, disse na primeira gravação: que comprara o seu silêncio.

No áudio vazado por “acidente” da conversa dos dirigentes da JBS, protagonizado por Joesley e Ricardo Saud, fica claro que o objetivo era derrubar o presidente da República. Joesley diz que, no momento certo, e de comum acordo com o Rodrigo Janot, o depoimento já acertado com Lúcio Funaro “fecharia a tampa do caixão”. Tentativa que vemos agora em execução.

Tudo combinado, tudo ajustado, tudo acertado, com o objetivo de: livrar-se de qualquer penalidade e derrubar o presidente da República.

E agora, trazem de volta um delinquente conhecido de várias delações premiadas não cumpridas para mentir, investindo contra o presidente, contra o Congresso Nacional, contra os parlamentares e partidos políticos.

Eu, que tenho milhares de livros vendidos de direito constitucional, com mais de 50 anos de serviços na universidade, na advocacia, na procuradoria e nas secretarias de Estado, na presidência da Câmara dos Deputados e agora na Presidência da República, sou vítima de uma campanha implacável com ataques torpes e mentirosos. Que visam a enlamear meu nome e prejudicar a República.

O que me deixa indignado é ser vítima de gente tão inescrupulosa. Mas estes episódios estão sendo esclarecidos.

A verdade que relatei logo no meu segundo pronunciamento, há quase cinco meses, está vindo à tona. Pena que nesse largo período o noticiário deu publicidade ao que diziam esses marginais. Deixaram marcas que a partir de agora procurarei eliminar, como estou buscando fazer nesta carta.

É um desabafo. É uma explicação para aqueles que me conhecem e sabem de mim. É uma satisfação àqueles que democraticamente convivem comigo.

Afirmações falsas, denúncias ineptas alicerçadas em fatos construídos artificialmente e, portanto, não verdadeiros, sustentaram as mentiras, falsidades e inverdades que foram divulgadas. As urdiduras conspiratórias estão sendo expostas. A armação está sendo desmontada.

É preciso restabelecer a verdade dos fatos. Foi a iniciativa do governo, somada ao apoio decisivo da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, que possibilitou a retomada do crescimento no país.

Quando se fala que a inflação caiu, que os juros foram reduzidos, que fomos capazes de liberar as contas inativas do FGTS e agora de antecipar as idades para percepção do PIS/Pasep, tudo isso tem um significado: impedir o aumento de preços, valorizar o salário e melhorar a vida das pessoas.

Quero acrescentar o que fizemos na área social. No Bolsa Família, por exemplo. Quando assumimos aumentamos em 12,5% seu valor. E zeramos a fila daqueles que nele queriam ingressar.

Mas nós não queremos que os que estão no Bolsa Família nele permaneçam indefinidamente. Queremos que progridam. Por isso lançamos o programa Progredir, com participação dos bancos públicos e da sociedade civil com vistas a inclui-los positivamente na sociedade.

Nenhum programa social foi eliminado ou reduzido. O Brasil não parou, apesar das denúncias criminosas que acabei de apontar.

O Brasil cresceu e vem crescendo. Basta verificar os investimentos estrangeiros e o interesse acentuado pelas concessões e privatizações que estamos corajosamente a realizar.

É a agenda de modernização reformista do País avança com o teto de gastos públicos, lei das estatais, modernização trabalhista, reforma do ensino médio, proposta de revisão da Previdência, simplificação tributária.

Em toda a minha trajetória política a minha pregação foi a de juntar os brasileiros, de promover a pacificação, de conversar, de dialogar. Não acredito na tese do “nós contra eles”. Acredito na união dos brasileiros.

O que devemos fazer agora é continuar a construir, juntos, o Brasil. Com serenidade, moderação, equilíbrio e solidariedade.

Na certeza de que a verdade dos fatos será reposta, agradeço a sua atenção.
Atenciosamente,
Michel Temer

Sobre o gênero do texto aqui analisado, trata-se de uma carta de resposta caracterizada por ser um texto monologal, e seu objetivo é dar uma resposta a uma situação posta por terceiros que difamam a imagem de alguém. A publicidade que o autor precisava para atingir o maior número de pessoas se deu por meio da notoriedade e exposição advinda do cargo executivo que o investigado ocupava, e, com apenas uma carta oficial, o escrevente conseguiu a divulgação necessária, ou seja, uma oportunidade para tentar desfazer a imagem que criaram dele, além de tentar tocar emocionalmente aqueles a quem a carta era direcionada. Além disso, essa carta de resposta é construída como um “acontecimento comentado” com a finalidade de negar as acusações impostas ao seu autor. Neste sentido, o escrevente precisa mostrar a sua habilidade argumentativa com o intuito de esclarecer os acontecimentos sob o seu ponto de vista, sob a sua ótica, precisando, assim, dominar as categorias do *ethos* e do *pathos* ao longo da construção textual. Portanto, o autor tem licença para reivindicar o direito à subjetividade.

Segundo Charaudeau (2014), as trocas de informações pelos interlocutores do ato comunicativo são regidas por um conjunto de normas sociais e culturais pré-estabelecidas e precisam ser consideradas para que o ato discursivo seja eficiente. Desse modo, a troca linguística fica delimitada pelo contrato de comunicação. Como político que atua em um sistema democrático, o Presidente Michel Temer precisava levar em consideração que o seu discurso político seria transmitido sem que ele tivesse o total domínio dos efeitos pretendidos, apenas a certeza de que a interpretação seria de diferentes maneiras. Portanto, Temer lança mão de estratégias argumentativas (*ethos*, *pathos*) conscientes para alcançar seu propósito: convencer o seu leitor-parlamentar a não prosseguir com a CCJ.

Nesse sentido, o discurso de justificação reconhece a existência de uma crítica/ acusação, mas isso não implica dizer que se trata de uma confissão. Dessa maneira, essa carta foi concebida com a intenção de responder às acusações da delação premiada e, para isso, ele se justifica por meio de uma *estratégia de negação* (CHARAUDEAU, 2013), pois,

como veremos nas duas próximas seções, Michel Temer rejeita a denúncia e nega qualquer veracidade nas acusações postas à sua pessoa. Assim, veremos que o político se vitimiza, transformando o seu acusador (PGR, na figura de Rodrigo Janot, e os depoentes Joesley Batista e Ricardo Saud) em perseguidor e, ele próprio, de acusado, passa a ser o perseguido. Vejamos a seguir, ponto a ponto, as estratégias usadas na carta para construir a imagem de perseguido e provocar as emoções visadas.

3.2 Construindo uma imagem

Para analisarmos a construção da imagem de Temer, consideramos as classificações de *ethé* propostas por Charaudeau (2013, 2015). Iniciando a análise dos sujeitos pela *identidade social*, Michel Temer é um homem próximo dos oitenta anos, paulista e advogado. É um político filiado ao MDB, vencedor de diversos pleitos para deputado federal e posteriormente integrou a chapa Dilma-Temer na corrida presidencial de 2010. A *identidade discursiva* está relacionada a um cidadão que tem direito à defesa e, tomando a palavra, constrói uma imagem de si, transmitindo para os leitores suas verdades, os ataques e difamações sofridos e a sua concepção/ convicção de “como um Presidente da República tem de ser”.

Por meio dessas duas identidades, temos então os quatro sujeitos identificados por Charaudeau (2013, 2015). No que diz respeito aos sujeitos sociais (do mundo real), temos o EUc (Temer) e o TUi (Deputados Federais). Ligados aos sujeitos discursivos (do texto), temos o EUe (autor idealizado) e TUd (leitor ideal). A construção dos participantes do ato comunicativo na carta em questão se inicia com o EUc (escritor real) imaginando dois destinatários: um TUd que será persuadido e seduzido pelo EUe, que revela toda a sua indignação, frustração e angústia; e outro TUd que se aproximará do discurso e se manterá fiel ao EUe, que revela suas convicções políticas e firmeza de caráter. Ressalta-se que essas revelações não necessariamente são verdadeiras e atinentes ao EUc, mas fazem parte do EUe que existe no e pelo ato comunicativo da instância de produção, em outras palavras, o discurso do EUe não precisa ser verdadeiro, mas credível. Paralelamente, há a instância da interpretação, segundo a qual o TUi (leitor real) constrói a imagem de um EUe (escritor ideal) e, a partir das estratégias empregadas pelo EUe, o TUi formula hipóteses sobre o EUc (Temer): é verdadeira ou falsa a

caracterização de que EUc é realmente inocente/ vítima de uma ação arquitetada da PGR para incriminá-lo, já que ele se mostra um político sério e comprometido?

Utilizando a teoria da Semiolinguística do Discurso, observamos, através de trechos destacados da *Carta de Temer aos Parlamentares*, que há uma frequente preocupação em desfazer a imagem criada pela PGR/mídia. Assim, na construção feita pelo EUe, o sujeito discursivo prioriza um *ethos de vítima, de sério e de virtude*.

Atentando para o início da carta, no 2º§, o EUe se coloca explicitamente em posição de *vítima* (“*tenho sido vítima desde maio*” (2º§)) de uma ardilosa conspiração. No 3º§, o sujeito discursivo tem a intenção de criar um *ethos de inocência*, por não acreditar na situação em que estava envolvido politicamente (“*jamais poderia acreditar que houvesse uma conspiração para me derrubar*” (3º§)). Do 3º ao 13º§, ele informa repetidas vezes que seus opositores políticos estão arquitetando uma forma de “*derrubar o Presidente da República*” (3º§, 7º§, 8º§, 12º§, 13º§). Mais adiante no texto, Temer afirma aos seus leitores, em sua defesa, que o Procurador Janot só aceitou a delação de presos que estavam dispostos a expor o Presidente, comprovando, então, a sua imagem de *vítima* do esquema (“*esta negativa levou o procurador Janot a buscar alguém disposto a incriminar o Presidente*” (10º§), “*tudo combinado, tudo ajustado, tudo acertado*” (13º§)).

No 15º§, de forma enfática, o EUe constrói a imagem de ser alguém necessário no cargo em que ocupa, pois ele trabalhou muito duro pela democracia do país ao se referir a sua própria pessoa, tecendo, assim, um *ethos de sério*. Para isso, Temer reforça a sua pessoa ao empregar pronomes pessoal de 1ªp.s. (“*eu sou vítima*”, “*eu tenho milhares de livros*”) e possessivo de 1ªp.s. (“*meu nome*”). Além disso, ele faz um breve resumo sobre a sua biografia, ao elencar descritivamente seus feitos antes de se tornar Presidente. Por fim, o Chefe de Estado reafirma ser *vítima*, pois a situação posta tem o objetivo de sujar seu nome, ou seja, a sua *imagem enquanto pessoa pública* gerando descrédito entre os Parlamentares e na instância cidadã.

Entre os parágrafos 16 e 19, ele renova a sua posição de *vítima* ao desqualificar os envolvidos nas acusações (“*gente tão inescrupulosa*” (16º§), “*esses marginais*” (17º§)). Temer reitera que a verdade será revelada em tempo oportuno (“*afirmações falsas*”, “*denúncias ineptas*”, “*mentiras*”, “*falsidades*”, “*inverdades*”, “*urdiduras conspiratórias*”

(19º§)), porque ele promete aos seus leitores combater/ eliminar toda a publicidade negativa atribuída à sua pessoa (“*as urdiduras conspiratórias estão sendo reveladas*”, “*a armação está sendo desmantelada*” (19º§)) e enfatizada pela mídia.

Devemos lembrar que Temer assumiu o cargo após o processo de *impeachment* de Dilma e que, para muitos Parlamentares, tudo não passou de um golpe para tirar a Presidente do cargo eleita democraticamente. Temer se mostra como uma pessoa íntegra, honesta, pois precisa também do apoio desses Deputados e Senadores que não são membros de sua base aliada. Por essa razão, ele diz que a carta é um “*desabafo*” (18º§) seu e, ao mesmo tempo, “*uma satisfação àqueles que democraticamente convivem comigo*” (18º§), pois o que foi divulgado recentemente contra ele não é verdadeiro, mas arquitetado (“*fatos construídos artificialmente*” (19º§) pela PGR, criando assim uma *imagem de vítima*.

Do 20º ao 29º§, o autor mostra, com dados, que, em pouco tempo de sua gestão, ele conseguiu, juntamente com o apoio da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, fazer o Brasil crescer, apesar “*das denúncias criminosas*” (24º§). Assim, ele se mostra como uma *figura corajosa, forte, firme* por realizar pautas difíceis, ou seja, ele constrói a ideia de que o Brasil precisa de um Presidente *determinado* como ele no cargo, construindo, assim, um *ethos de potência*. Já no final do texto, Temer faz um breve relato sobre sua trajetória política de modo a compor a imagem de que sempre esteve *a serviço da democracia*, promovendo o diálogo e a “*união dos brasileiros*” e mostra todos os seus esforços (pautas políticas, econômicas e sociais) para fazer o Brasil crescer enquanto esteve na Presidência, ou seja, ele vende a ideia de que ele é a pessoa da qual o Brasil precisa, revelando um *ethos de competência*. Temer termina ratificando que todas as acusações sobre sua pessoa são sem fundamento (“*a verdade dos fatos será reposta*” (28º§)).

Notamos que o sujeito enunciador procura convencer seus interlocutores sobre a imagem que o escrevente cria de si mesmo. É necessário passar um *ethos* crível e, para isso, ele produz uma imagem de si com muitos atributos, tais como *virtuoso, inocente, sério, competente*, mas o que se mostrou predominante foi o *ethos de vítima* na carta de Temer. Dada a situação delicada em que o Presidente se encontrava, é possível entender a predominância do *ethos de vítima*, pois ele tenta, a todo momento, mostrar uma imagem de alguém que está sendo incriminado e

caluniado publicamente, e um *ethos de virtude*, pois o Brasil precisa de um Presidente íntegro e honesto como ele para exercer a função.

3.3 Convencendo pela emoção

De acordo com Charaudeau (2013), a instância política é o lugar da governança, e seu discurso pode se dedicar a propor programas políticos; justificar decisões e/ou ações tomadas; criticar ideias de seus adversários políticos para fortalecer as suas; conclamar o consenso social; tudo isso com a assistência das estratégias de persuasão e sedução. Deve ser ressaltado que a instância política não se dirige à instância cidadã o tempo todo. Passadas as eleições, o ambiente legislativo propicia que o discurso político normalmente seja mais voltado para os políticos que compartilham dos mesmos ideais e para os políticos adversários ideologicamente. Nesse último caso, o processo de convencimento requer ainda mais atenção e cuidado na construção da argumentação e, conseqüentemente, nas escolhas de estratégias patêmicas conscientes e convincentes para obter bons resultados.

Para sensibilizar a instância adversária, muitas são as emoções que Temer tenta provocar no seu leitor. Analisando o 1º§, o autor inicia a carta mostrando a sua evidente indignação quanto à situação experienciada. Assim, ele procura criar um vínculo de proximidade com o auditório e tenta despertar neste um sentimento de *comiseração*, *compaixão* ao empregar o enunciado “*a minha indignação é o que me traz até você*”, enunciado em que ele revela o seu estado de espírito (estado de EUc). Neste caso, observamos que o EUe, para alcançar os objetivos do EUc, utiliza-se, concomitantemente de duas estratégias patemizantes: *enunciado que pode provocar emoção*, ao se dirigir explicitamente ao leitor por meio do pronome de 1ª pessoa “*minha*” e do de 2ª pessoa “*você*”, construindo um enunciado que atua na sua totalidade sobre o leitor; e *palavras que expressam de modo transparente emoções*, ao usar o substantivo “*indignação*” em “*a minha indignação*”, sintagma cujo núcleo é uma palavra que expressa sentimento, mostra o seu estado de espírito, a emoção sentida ao escrever a carta.

Ainda no 1º§, o autor busca alcançar o sentimento de *compadecimento* pela situação vexatória por que está passando na mídia, ao utilizar a *expressão que pode provocar emoção* “*episódios que atingiram diretamente a minha honra*”. Nessa expressão, destacamos

o verbo “atingir” com uma conotação negativa de macular, denegrir (*palavra que pode provocar emoções*) ligado ao sintagma “a minha honra” que traduz um significado positivo de virtude, de dignidade (*palavra que pode provocar emoções*). Ele aguça ainda a *curiosidade* e o *interesse* do leitor na permanência da leitura da carta, quando ele diz “não posso silenciar”, “não devo silenciar” (*enunciados que podem provocar emoções*), pois agora ele vai dar conhecimento a todos sobre a sua versão dos fatos.

Em seguida, no 2º§, aproveitando a imagem de vítima que cria de si no parágrafo anterior, Temer faz uso da estratégia *índices de avaliação*, ao empregar os substantivos “torpezas” e “vilezas” (palavras de teor semântico forte o suficiente para desencadear emoções no leitor), avaliando os ataques políticos que vem sofrendo como torpes e vis; tática capaz de provocar emoção de *piedade* no leitor.

No 3º§, na esteira do *ethos* de inocência, o Presidente da República busca encontrar *solidariedade* e *compaixão* pela sua causa, especificamente no Parlamentar-leitor, ao afirmar ser vítima de uma trama para tirá-lo do cargo executivo: “para me derrubar da Presidência da República”. O uso do verbo “derrubar” nesse enunciado exprime um sentido naturalmente negativo de destruir, de subjugar segundo a visão daquele que escreve, portanto, é empregada aqui a estratégia de *índices de avaliação*. Para reforçar essa declaração, por seis vezes, entre o 3º e 13º parágrafos, ele afirma e reafirma que houve conspiração (com algumas variações na expressão).

Entre os parágrafos 4º e 14º, Temer faz um relato sobre os acontecimentos que foram revelados pela mídia e faz as suas ponderações. No 4º§, ele inicia sua defesa desqualificando os áudios dos dirigentes da empresa JBS, vazados durante uma investigação da Polícia Federal. Estimulando os sentimentos de *revolta* e *repugnância* no leitor, o Presidente utiliza a estratégia *índices de avaliação*, ao expressar o seu juízo de valor sobre as atitudes das pessoas no seu entorno, por intermédio dos adjetivos “sujo”, “imoral”, “indecente” para caracterizar o diálogo dos irmãos da JBS em “Diálogo sujo, imoral, indecente, capaz de fazer envergonhar aqueles que o ouvem”. O verbo “envergonhar”, que pertence também à estratégia de *índices de avaliação*, foi utilizado para caracterizar o possível sentimento daqueles que ouviram as declarações vazadas.

Para despertar mais *antipatia* e *aversão* no leitor, no 5º§, o Presidente afirma que toda a situação vivida foi arquitetada, e diz isso ao empregar a expressão “urdidura conspiratória” (estratégia *índices de*

avaliação), que, na sua própria constituição semântica transmite um juízo de valor negativo. Assim, o autor reforça o *pathos* de *antipatia* e *aversão* que pretendia desencadear no leitor, pois ele diz, por meio do trecho “*como se deu a participação do ex-procurador-geral da República*”, que o Sr. Janot (ex-Procurador Geral da República) estava envolvido na trama, que ele era o centro de tudo, embora não devesse estar envolvido na investigação. Sendo assim, vemos a estratégia *enunciados que podem provocar emoções*.

No 6º§, na expectativa de causar *indignação* no seu leitor, o Presidente apresenta as atitudes antiéticas de Marcello Miller. Temer explica que, por ter atuação na PGR, Miller detinha informações internas do processo e, após pedir exoneração do cargo, passou a advogar para a empresa JBS sem cumprir a quarentena prevista pela Constituição (“*não cumpriu nenhuma quarentena prevista*”), fazendo, assim, uso da estratégia *enunciados que podem provocar emoções*.

Entre os parágrafos 7º e 11º, Michel Temer manifesta a intenção de sensibilizar seu leitor, quando traz a informação/ o fato de que o procurador Ângelo Goulart Vilela, o advogado Willer Tomaz e o ex-deputado Eduardo Cunha foram mantidos presos e sequer foram ouvidos. O motivo da prisão, entretanto, é o principal elemento sensibilizador, podendo despertar os sentimentos de *revolta* e *repulsa* no leitor: “*derrubar o presidente da República*”. A estratégia aqui empregada corresponde a *índices de avaliação*, pois é assim que Michel Temer enxerga, avalia a postura de seus adversários políticos e, para um leitor-Parlamentar, o verbo “derrubar” carrega um peso e uma força negativa muito fortes para um político que ocupa cargo eletivo.

Segundo os detentos, Janot só aceitava delação premiada³ que tivesse conteúdo que incriminasse o Presidente e, para tocar ainda mais o seu público-alvo, Temer faz uso da estratégia de patemização *enunciados que podem provocar emoção*, por meio de uma *cláusula relativa apositiva desgarrada* (SOUZA, 2016, 2020a, 2020b). Ele põe em evidência a seguinte mensagem: “*Esta negativa levou o procurador Janot a buscar alguém disposto a incriminar o Presidente. Que, segundo o ex-*

³ Delação premiada é um instrumento jurídico utilizado no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Ele consiste em coletar depoimentos de criminosos e/ou investigados em troca de um prêmio/ benefício (geralmente, redução de pena ou cumprimento de pena em domicílio). Esse instrumento tem permitido que a Polícia identifique e solucione crimes por meio da colaboração de alguém envolvido nos delitos.

deputado, mentiu na sua delação para cumprir com as determinações da PGR". O emprego da *oração desgarrada*, foi engenhoso por parte de Temer, pois deu destaque ao verbo "mentir", cuja semântica tem capacidade de despertar sentimentos de *indignação e repulsa* no leitor. A *cláusula desgarrada* ainda ressaltou o vocábulo "determinações", o qual também pode provocar um sentimento negativo no leitor, uma vez que a interpretação dessa palavra vem no sentido de *condições, imposições, exigências* abusivas, e o intuito, segundo o Presidente, era fraudar/ manipular os depoimentos para prejudicá-lo. Com relação ao emprego destas duas palavras, podemos identificar a estratégia patêmica *palavras que podem provocar emoções*.

O remetente da carta, no 12º§, afirma que o áudio vazado intencionalmente, empregando aspas na palavra *acidente* para dar um tom de ironia ("No áudio vazado por "acidente" da conversa dos dirigentes da JBS, protagonizado por Joesley e Ricardo Saud, fica claro que o objetivo era derrubar o presidente da República".) tinha como objetivo "derrubar o presidente da República", pois os dirigentes da JBS já tinham um acordo em comum com Rodrigo Janot. Sendo assim, os destinatários da carta não deveriam confiar nessa delação nem nos áudios vazados, uma vez que seria um "depoimento já acertado com Lúcio Funaro". Nesse trecho, a expressão "já acertado" é um caso característico da estratégia *palavras ou expressões que podem provocar emoções*, cujo uso visa a desencadear sentimento de *indignação* no seu leitor. Aqui, a sua plateia consegue atribuir significado negativo ao trecho destacado, pois uma declaração combinada não é juridicamente legal, reforçando, assim, seu *ethos* de vítima e o *pathos* de *condoimento, compaixão, agonia*.

Ainda no 12º parágrafo, Temer escreve: "Joesley diz que, no momento certo, e de comum acordo com o Rodrigo Janot, o depoimento já acertado com Lúcio Funaro "fecharia a tampa do caixão. Tentativa que vemos agora em execução". O *pathos* de *indignação* no leitor pode ter sido ainda mais fortalecido quando o delator se utiliza da expressão "fechar a tampa do caixão". De acordo com o vazamento do áudio, o depoimento de Lúcio Funaro seria decisivo pela PGR para incriminar o Presidente. Assim, Temer se aproveita das fortes palavras de seu acusador, fazendo uso da estratégia *enunciados que podem provocar emoções* para reverter a sua situação colocando-se como vítima na situação orquestrada.

No parágrafo seguinte, 13º§, o Presidente escreve "Tudo combinado, tudo ajustado, tudo acertado" para continuar com a

sensibilização do leitor com uma sequência de três expressões sinônimas, fazendo, assim, uso da estratégia *enunciados que podem provocar emoções*. Com esse curto parágrafo, Temer coloca em evidência e reforça que o depoimento é ilegal, ilegítimo. Ele chama a atenção do seu leitor e procura tocá-lo emocionalmente, despertando o sentimento de *indignação* ao apontar o objetivo da delação premiada: o delator não sofreria qualquer penalidade criminal e, com suas mentiras colhidas como verdades, prejudicaria o Presidente da República.

Após a revelação dos acontecimentos, no 14º parágrafo, o chefe de Estado desqualifica o seu delator no seguinte trecho: “*delinquente conhecido de várias delações premiadas não cumpridas para mentir*”. Temer utiliza a estratégia *índices de avaliação* ao tachar o delator de delinquente, e busca a adesão de seus leitores, estimulando sensações de *proximidade, coleguismo* ao afirmar que seu acusador ia não apenas contra o Presidente, mas também contra os colegas parlamentares membros do legislativo, isto é, aqueles que votariam pela continuidade ou não do processo na CCJ.

No parágrafo seguinte (15º), Michel Temer busca provocar em seus leitores sentimentos de *repulsa* ao se vitimar, empregando os sintagmas “*uma campanha implacável*” e “*ataques torpes e mentirosos*”, ou seja, ele expõe o seu ponto de vista sobre o que está acontecendo com ele (*índices de avaliação*) ao usar os qualificadores “*implacável, torpes e mentirosos*”. O Presidente ainda faz uso da estratégia *enunciados que podem provocar efeitos patemizantes* por intermédio de uma segunda *cláusula relativa apositiva desgarrada*, de comentário avaliativo (SOUZA, 2016, 2020a, 2020b), com a finalidade de pôr em evidência o comentário da cláusula “*enlamear meu nome*” e “*prejudicar a República*”, em: “[...] *sou vítima de uma campanha implacável com ataques torpes e mentirosos. Que visam a enlamear meu nome e prejudicar a República*”. A proeminência na estrutura sintática utilizada e o uso dos verbos “enlamear” e “prejudicar” (que por si sós já transmitem uma carga negativa, constituindo a estratégia *palavras que podem provocar emoções*) são empregados com o intuito de fazer um grande apelo emocional: reforçar o *pathos* de *condoimento, compaixão, agonia* no leitor.

No 16º§, Temer inicia seu texto com a estratégia patêmica *palavras que expressam de modo transparente emoções*, pois, mais uma vez, ele confessa o seu estado de espírito para o seu leitor e chama novamente a atenção para a humilhação passada. Ao usar o adjetivo “indignado” para expressar o que sente, o real intuito é de provocar a mesma emoção em

seu leitor, a *indignação*: “*O que me deixa indignado é ser vítima de gente tão inescrupulosa. Mas estes episódios estão sendo esclarecidos*”. O uso do vocábulo “esclarecidos”, que inicialmente não carrega nenhuma emoção, pode provocar as sensações de *alívio* e de *tranquilidade* naqueles que acreditam na versão do Presidente. Neste caso, temos um exemplo da estratégia *palavras que podem provocar emoções*.

No parágrafo 17, Michel Temer afirma que a (sua) verdade já havia sido declarada cinco meses antes no seu segundo pronunciamento oficial, mas que só agora ela tinha se tornado amplamente difundida. Ele lamenta que, durante esse período, a mídia tenha dado mais atenção aos seus acusadores, ao dizer “*Pena que nesse largo período o noticiário deu publicidade ao que diziam esses marginais*”. Assim, o seu lamento (“*pena que*”) é mais uma marca de *índice de avaliação* aplicada na carta justamente para trazer comoção nos leitores: *pena, aflição*. Para intensificar esses sentimentos, Temer desqualifica seus opositores com o uso de “*esses marginais*”, fazendo uso da estratégia *índice de avaliação* novamente. Ainda no mesmo parágrafo, ele procura acalmar seus leitores ao afirmar que está eliminando as manchas que deixaram em sua imagem – “*Deixaram marcas que a partir de agora procurarei eliminar, como estou buscando fazer nesta carta*” –, ativando o *pathos* de *quietação, confiança, esperança* ao empregar a estratégia *enunciados que podem provocar emoções* no trecho “*agora procurarei eliminar*”. Podemos observar que Temer consegue explorar palavras e estruturas sintáticas para despertar sentimentos de um extremo ao extremo oposto dentro do mesmo parágrafo, provocando uma gangorra de emoções em seus leitores.

O próximo parágrafo (18º) é iniciado com o enunciado “*É um desabafo*”. Assim, o autor da missiva demonstra o desejo de se aproximar do seu leitor, já que, normalmente, o desabafo é feito para uma pessoa próxima, amiga. Tal declaração pode provocar uma patemização de *companheirismo, afeição, apreço* em seus colegas políticos; neste caso, temos a estratégia de *enunciados que podem provocar emoções*. Em “*É uma explicação para aqueles que me conhecem e sabem de mim*” e “*É uma satisfação àqueles que democraticamente convivem comigo*”, Temer reafirma os laços com os seus companheiros Parlamentares, ao dizer que a carta é uma “*explicação*”, uma justificativa, uma “*satisfação*” sobre o que estava se passando com ele, escolhendo a estratégia de *Palavras que podem provocar emoções*. A carta representa uma necessidade de expressar a sua versão dos fatos, uma vez que a mídia passou cinco longos meses dando voz aos seus oponentes e acusadores. Era o momento de se

pronunciar e o momento em que não só os Parlamentares leriam a sua carta, mas também os demais brasileiros, pois a mídia não iria deixar de divulgar e comentar o seu texto. Esse era o espaço público de que ele precisava para se aproximar e convencer todos de sua inocência. Temer, então, faz bom uso de um *ethos* de vítima e reforça o vínculo com o seu leitor, procurando emocioná-lo, sensibilizá-lo parágrafo a parágrafo.

O parágrafo 19 é dedicado a mais uma desconstrução dos seus acusadores. Temer investe na estratégia *índices de avaliação* ao selecionar qualificadores como *falsas, ineptas, não verdadeiros* em “*Afirmações falsas, denúncias ineptas alicerçadas em fatos construídos artificialmente e, portanto, não verdadeiros, sustentaram as mentiras, falsidades e inverdades que foram divulgadas.*” Quanto mais usava palavras de caráter negativo, maior era a possibilidade de fazer o seu leitor experimentar os sentimentos de *indignação* e, portanto, este estaria mais próximo dos sentimentos do Presidente.

Ainda nesse parágrafo, Michel Temer escreve “*fatos construídos artificialmente*”, “*mentiras, falsidades e inverdades*” que divulgaram sobre a sua pessoa. Mais uma vez, vemos o emprego de qualificadores segundo a ótica daquele que escreve (estratégia de *índices de avaliação*), provocando ainda mais o leitor nesse chamamento à *indignação, repulsa*. E, para corroborar o seu *ethos* de vítima, o chefe de Estado diz que “*as urdiduras conspiratórias estão sendo expostas*” e “*a armação está sendo desmontada*”, com o intuito de provocar *alívio, tranquilidade, esperança* naqueles que acreditam nas suas palavras e naqueles que estão se convencendo de sua inocência ao ler carta. Para isso, o autor seleciona *enunciados que podem provocar emoções* como estratégia de patemização.

O enunciado “*É preciso restabelecer a verdade dos fatos*” abre o 20º§. Pensamos, aqui, que Temer passaria a se defender logicamente, isto é, que ele apresentaria argumentos e provas a seu favor sobre a situação arquitetada/armada que iniciou a investigação, mas não é isso que acontece. A partir desse parágrafo até o 26º§, o Presidente do Executivo se pauta em trabalhos realizados pelo governo federal em que ele atuou com o auxílio da Câmara dos Deputados e do Senado Federal para que o Brasil pudesse crescer, modernizar-se e tornar-se mais forte economicamente, durante a sua estada no poder (de 2010 a 2015 como vice e a partir de 2016 como Presidente Interino).

Essa lista de benesses ao país serve para mostrar ao seu leitor o quanto ele é importante em seu cargo, por tudo o que ele fez e por tudo o que ele ainda pode conseguir com as suas pautas até o final de seu mandato. Neste caso, Michel Temer se utiliza da estratégia *Enunciados que podem provocar emoções* para tocar emocionalmente o seu público-alvo. Assim,

utilizando-se dessa estratégia patêmica, ele pode despertar na sua audiência as emoções de *esperança, otimismo, tranquilidade, confiança*.

No 27º§, Michel Temer se dedica a falar sobre a sua trajetória política: “*Em toda a minha trajetória política a minha pregação foi a de juntar os brasileiros, de promover a pacificação, de conversar, de dialogar.*” Ele fala sobre os seus pensamentos de “*pacificação*” (*palavra que expressa de modo transparente emoções*) e “*de conversar*”, “*de dialogar*” (*palavras que podem provocar emoções*) durante toda a sua jornada no meio político justamente porque ele precisa de colegas Parlamentares que o defendam na CCJ. Ele também acrescenta no parágrafo: “*Não acredito na tese do ‘nós contra eles’. Acredito na união dos brasileiros.*”. Aqui ele expõe o seu pensamento com *expressões que podem provocar emoções* como “*união dos brasileiros*” com o intuito de se aproximar cada vez mais de seu leitor e provocar emoções positivas como *confiança e esperança*.

Já no 28º§, ele mostra o seu desejo em permanecer no cargo para continuar a construir o Brasil com a união de todos, como ele já vinha afirmando anteriormente: “*O que devemos fazer agora é continuar a construir, juntos, o Brasil. Com serenidade, moderação, equilíbrio e solidariedade.*”. Ele usa uma estrutura sintática que enfatiza como ele quer continuar a trabalhar – “*com serenidade, moderação, equilíbrio e solidariedade*” –, ou seja, utiliza-se da estratégia de patemização *palavras que expressam de modo transparente emoções*. Aqui ele exalta a sua imagem e o modo como ele trabalha, com o intuito de emocionar positivamente o seu leitor, para que sua plateia sinta o *pathos* de *credibilidade, confiança, esperança e otimismo*.

No último parágrafo, o qual é seguido da assinatura, Michel Temer se despede, demonstrando segurança quanto ao desenrolar da investigação e agradecendo a atenção dos leitores: “*Na certeza de que a verdade dos fatos será resposta, agradeço a sua atenção*”. Observamos, aqui, o emprego de dois *enunciados que podem provocar emoções*. O primeiro tem potencial para desencadear *otimismo* em seus leitores quanto ao futuro do inquirido, e o segundo pode fomentar um sentimento de *simpatia* no leitor, já que o Presidente projeta um *ethos* de *humildade*, ao demonstrar agradecimento pela consideração da instância parlamentar.

Como pudemos ver, a carta foi escrita com apoio da emoção, mas não da razão, já que não apresenta provas concretas para corroborar a inocência de seu autor. Michel Temer, entretanto, mostra-se otimista no que se refere à conduta dos Parlamentares em votar contra o prosseguimento da investigação. Para alcançar esse resultado, ele procurou, ao máximo, desqualificar os seus acusadores e elevar e preservar a sua imagem como bom político, utilizando diversificadas estratégias com potencial de

provocar emoção. Conforme a análise dessa última seção, o Presidente da República, na maior parte da carta, buscou sensibilizar/ comover o auditório. Ele soube variar as emoções e, até mesmo, desencadear emoções antagônicas por intermédio de um mesmo parágrafo.

Quantitativamente, enumeramos trinta e cinco ocorrências de estratégias patêmicas empregadas na carta de Michel Temer, das quais: oito casos foram de *enunciados que podem provocar emoções*; quatro foram de *palavras que expressam de modo transparente emoções*; onze ocorrências foram de *palavras ou expressões que podem provocar emoções* e doze foram de *índices de avaliação*. Como podemos observar, a estratégia patêmica que mais se sobressaiu foi *índices de avaliação*, pois, em vários momentos da carta, o Presidente deixa clara a sua apreciação sobre as pessoas que queriam incriminá-lo ou sobre a situação inédita pela qual ele passava. Muitos são os fatores que podem ter levado a essa escolha da estratégia, tais como: o sentimento de irritação do Presidente por seus delatores; a angústia pelo fato de a mídia não noticiar a sua versão dos fatos; mas o que deve ter pesado mais provavelmente tenha sido a sua preocupação com a votação que ocorreria dali a alguns dias pelos parlamentares. Passemos, agora, às considerações finais.

Considerações Finais

Este artigo adotou a Teoria Semiolinguística do Discurso que, por meio de pistas linguísticas, permite que o leitor levante hipóteses sobre as possíveis emoções sentidas por ele durante o processo de leitura e desconstrua a imagem criada durante o discurso do autor. O objetivo principal era analisar as categorias emocionais *ethos* e *pathos* na carta escrita por Michel Temer aos Parlamentares integrantes da CCJ e, para isso, utilizamos a teoria de Patrick Charaudeau, bem como as pesquisas de outros linguistas relacionadas ao conceito de patemização e trabalhos relacionados a maneiras de expressar a subjetividade do sujeito falante.

Por meio da análise dessas categorias, pudemos observar os materiais linguísticos com potencialidade para persuadir, convencer, tocar emocionalmente o leitor através de palavras e expressões empregadas estrategicamente no texto, além de observar a imagem construída de um político competente para estar no cargo que ocupa. Como resultado, observamos que Michel Temer cria uma imagem de si com muitos valores, tais como *virtuoso*, *inocente*, *sério*, *competente*, e o que mais se destacou foi o *ethos de vítima*, tendo em vista o contexto em que a carta foi escrita: ele precisava mostrar ao seu público-alvo que estava sendo caluniado, para tentar reverter a posição de investigado, para vítima. Com relação à estratégia do *pathos*, Temer soube variar as emoções

e, até mesmo, provocar emoções antagônicas, por meio de um mesmo parágrafo. Temos, nessa carta, um vasto emprego de *Índices de Avaliação* (substantivos, verbos, adjetivos) e de *Palavras que podem provocar emoções* (substantivos, verbos, adjetivos). Pudemos ver que Temer procurou argumentar por meio de categorias emocionais, corroborando assim as categorias de Gouvêa (2017).

Assim, acreditamos que a breve exposição teórica e o denso exame de uma carta em resposta aos eventos políticos contra Michel Temer permitam que o leitor deste artigo possa perceber as estratégias linguístico-discursivas empregadas para tocar emocionalmente o seu leitor não só pelo *ethos*, mas, principalmente, por meio do *pathos*.

Declaração de autoria

As autoras declaram, para os devidos fins, que o texto foi concebido por ambas as partes, sendo divididas as tarefas da seguinte forma: o artigo foi idealizado por Karen Pereira Fernandes de Souza, cujas atividades foram a revisão da literatura, a seleção do texto, análise e interpretação dos dados. Lúcia Helena Martins Gouvêa, igualmente, atuou na análise do *corpus* orientando e direcionando o uso da teoria e a interpretação das estratégias de patemização. As duas autoras participaram ativamente na elaboração do texto.

Agradecimentos

Nossos profundos agradecimentos à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em especial, ao Departamento de Letras Vernáculas, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) que financia a pesquisa da primeira autora com bolsa de Pós-Doutorado.

Referências

- AMOSSY, R. Ethos. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 2014. p. 220-221.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. 310 p.

CAGNI, P. Temer usa Cunha ao se defender em carta de ‘conspiração’ para tirá-lo do cargo: Documento foi enviado aos deputados e senadores após divulgação do vídeo de Funaro. *O Globo*. Online. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/temer-usa-cunha-ao-se-defender-em-carta-de-conspiracao-para-tira-lo-do-cargo-21951537>>. Acesso em : 18 out 2017.

CHARAUDEAU, P. Une problématisation discursive de l’émotion: à propos des effets de pathémisation à la télévision. In: PLANTIN, C. *et alii*. (orgs.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2000. p. 124-155.

CHARAUDEAU, P. El discurso mediático. Legitimidad, credibilidad y captación. In: HARVEY, A. (org.). *En torno al discurso*. Santiago: Universidad Católica de Chile, 2004. p. 310-316.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, P. Pathos e o discurso político. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (orgs.). *As emoções do discurso*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a. p. 240-309.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2007b. p. 11-29.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013. 328 p.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. 2.ed., 3a impressão. São Paulo: Contexto, 2015. 283p.

EMEDIATO, W. As emoções da notícia. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (orgs.). *As emoções no discurso*. vol. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 290-309.

GALLINARI, M. M. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (orgs.). *As emoções do discurso*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 221-239.

GOUVÊA, L. H. M. Um estudo das emoções em crônicas jornalísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 903-937, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.2.903-937>

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, D. *Le contexte de l'oeuvre littéraire: Enonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1993. 188p.

PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I.L. (orgs.) *As emoções no discurso*. v.II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 57-80.

SOUZA, K. P. F. “*Exposição de moveis | A qual se fechará brevemente*”: Estudo de cláusulas relativas apositivas “desgarradas” em textos jornalísticos. 2016. 190f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras/UFRJ, 2016.

SOUZA, K. P. F. *A influência da interpessoalidade nas cláusulas relativas apositivas “desgarradas” segundo a gramática sistêmico-funcional*. 2020a. 255f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras/UFRJ, 2020a.

SOUZA, K. P. F. A atuação da metafunção textual nas cláusulas relativas apositivas “desgarradas”. *Revista (Con)Textos Linguísticos*. Vitória, v. 14, n. 28, p. 412-432, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v14i28>